



ST 06: HISTÓRIA, SENSIBILIDADES E PRÁTICAS EDUCATIVAS

COORDENADORES: Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior e
Prof. Rafael Nóbrega Araújo

ALMANAQUES DE FARMÁCIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS: O ALMANACH AMERICANO ROSS COM ORÁCULO E A INSTRUÇÃO DA SAÚDE DA NAÇÃO (1926-1936)

Ana Karoline L. Morais

Universidade Federal de Campina Grande

Azemar dos Santos Soares Júnior

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

Esse artigo tem por objetivo analisar as propagandas de medicamentos no *Almanach Americano de Ross com Oráculo* almanaque de farmácia que tinha o objetivo de propagar os medicamentos do laboratório estrangeiro *The Sydney Ross Company* buscando compreender quais práticas educativas estavam ligadas ao campo da saúde e eram veiculadas neste periódico anual durante os anos 1926 e 1936. Nos apoiaremos no conceito de *biopoder* de Michel Foucault (2015, 2010) para pensar o periódico como uma estratégia de gerir as populações do país que entre as décadas de 1920 e 1930 buscava adequar-se as aspirações eugênicas de raça e nação saudáveis tão caras ao período.

Buscamos assim, contribuir para a história da saúde aliada à propaganda e as práticas educativas levando em consideração que a publicidade também apresenta-se como um modo de educar e adestrar sujeitos, além de um meio eficiente para a difusão dos conhecimentos médicos e científicos em todo o corpo social buscando almejar as aspirações de corpo social higiênico e eugênico construindo uma nação biopoliticamente estruturada. Nesse sentido, percebemos como o periódico apresenta-se como uma estratégia biopolítica que serviu para propagar os ideais de saúde de higiene no meio social tendo como seu alvo principal as famílias.

Palavras-chave: almanaques de farmácia; saúde; biopoder.

Introdução:

No ano de 1934, o almanaque de farmácia *Almanaque de Ross com Oráculo* veiculou um enunciado com um título bastante peculiar: “Manual do suicídio: indicação segura para suicídios modernos, elegantes e higienicos”. O que foi apresentado ao leitor no restante do texto que ocupa sete páginas do periódico, são de fato, dicas de maneiras ditas fáceis – segundo o periódico, mas a nosso ver nem tanto – das pessoas ceifarem suas próprias vidas. Alguns exemplos apresentados são: “pular na frente de um trem, afogar-se, ingerir veneno, pôr fogo em si mesmo, greve de fome” entre outros que são acompanhados de ilustrações para que a pessoa que está lendo não tenha dúvida alguma de como efetivar o ato. Mas além desta singular matéria que apresenta “dicas” não convencionais, é apenas na última página dedicada a estas formas de cometer suicídio que nos é apresentado o objetivo principal do texto e inicia, mais uma vez, com um título bastante sugestivo: “O grande suicídio” como podemos observar a seguir:

E’ tempo de acabar. Já discorremos sobre diversas formas modernas de suicídios. Vimos instantâneos como o revolver, o trem de ferro, o punhal etc. Vimos o rápido entre os quaes destacaremos o venenos, os tóxicos o enforcamento e outros. Falamos da fome como modalidade segura do suicídio lento. Falaremos agora do suicídio. Falaremos agora do suicídio maior, daquelle que leva o homem ao fundo da cova, lentamente, insidiosamente, perversamente. Falaremos do meio mais segura que uma pessoa pode encontrar, muito mais seguro que tudo, mais do que se possa imaginar para acabar com os dias, hora a hora, minuto a minuto. A prisão de ventre é o campeão dos suicídios. A vida foge-lhes aos poucos sem que ele possa conhecer o dia de sua morte. Rouba-lhes as energias, mata-lhes as esperanças, estanca-lhe o riso do lábio. E o suicida-mór vê tudo negro em torno de si. Tem

vertigens... tem pesadelos. E nessas horas elle vê ao longe, como uma promessa de vida, de saúde e bem estar, um tubo de Pílulas da Vida do Dr. Ross. Mas elle quer matar-se e quem toma Pílulas da Vida Dr. Ross, não pode morrer às garras da prisão de ventre. Seria o mesmo que um homem querer morrer de fome almoçando e jantando todos os dias! Homem alucinado! Homem louco! Você quer suicidar-se pela prisão de ventre, fuja das Pílulas da Vida Dr. Ross. Mas si em qualquer horas você se arrepender e quizer gosar das alegrias da vida, não hesite, abra o vidro precioso e tome uma ou duas Pílulas de Ross por dia. E o mundo reflorirá novamente para você (ALMANAQUE DE ROSS COM ORÁCULO, 1934, p. 26).

Sim, caro leitor, você não está enganado, o objetivo principal do almanaque em divulgar as formas modernas de suicídio, nada mais é do que fazer a propaganda do remédio que parece ser o carro chefe da publicidade, venda e sucesso do laboratório *The Sydney Ross Company*: as *Pílulas da vida Dr. Ross*, remédio colocado no periódico como o principal meio e mais eficaz para acabar com os incômodos da prisão de ventre. A propaganda não cessa de mostrar como não tratar a prisão de ventre e, logo, da saúde no geral apresenta-se como um meio de acabar com a alegria de viver e com a própria vida. Fazer uso destas pílulas, na propaganda, não é apenas pôr fim a uma enfermidade ou incômodo, é, também, dizer sim a vida e a tudo de bom que ela pode oferecer. Se o leitor ou a leitora deseja viver uma vida feliz e tranquila ele/a deve, antes de tudo, cuidar de sua saúde medicando-se.

Tal propaganda tão bem elaborada e complexa nos faz refletir sobre o lugar que os almanaques de farmácias ocuparam dentro da sociedade brasileira enquanto meios fáceis para obter contato com os conhecimentos médicos que cada vez mais eram difundidos por todo corpo social. Estes periódicos, geralmente anuais, tinham o propósito de veicular as propagandas dos remédios dos seus respectivos laboratórios que não apenas editavam os almanaques, como também os distribuía-os de forma gratuita através das farmácias.

O almanaque de farmácia que trataremos neste artigo, como já dito, é o *Almanaque de Ross com Oráculo* que difundia os medicamentos da empresa norte-americana *The Sydney Ross Company*, sobre tal laboratório, poucas são as informações que obtemos, como aponta Eduardo Buenno livro “Vendendo saúde: uma história da propaganda de medicamentos no Brasil” (2008) a chegada desta empresa no país ocorreu no ano de 1920, fora esta informação são poucas as outras que conseguimos Como destaca o próprio

periódico, o primeiro almanaque da empresa foi editado pela primeira vez em 1891, embora não especifique qual o país desta primeira edição.

Além disso, as informações que dispomos são aquelas ligadas à própria estrutura do periódico. Nas primeiras edições que tivemos contato a partir do ano de 1926 percebemos que o periódico possuía maior volume (cerca de 40 a 48 páginas) do que nos volumes da década de 1930 – quando as páginas decrescem para o quantitativo de 35, assim como os outros almanaques que circulavam no país mesmo período –. Em sua estrutura, além das propagandas do laboratório já mencionadas, também era possível encontrar anedotas, curiosidades, calendário de festas e feriados nacionais e etc, todos estes elementos muito comuns aos demais almanaques em circulação (Cf.: CASA-NOVA, 1996, p. 24).

Quanto às propagandas, o almanaque não difundia apenas as já mencionadas *Pílulas da vida do Dr. Ross*, mas também uma série de outros produtos que vão desde medicamentos a produtos de higiene e beleza, todos mostrados no periódico através de propagandas ilustradas, divertidas e chamativas, para que pudessem prender o leitor e conseguir êxito na propagação de seus produtos. Entre os mais populares estão o tonificante *Vigoron*, o *Talco Ross*, a *Pilula da vida do Dr. Ross*, produtos que visavam não apenas a melhoria da saúde da população, mas seu contato com a higiene e com a limpeza.

Neste sentido, trabalhar a segunda metade da década de 1920 e a primeira metade da década de 1930 se faz importante, pois é exatamente no momento em que a saúde apresenta-se como o principal meio para o crescimento do Brasil enquanto uma nação desenvolvida, já que no início do século o país era visto como um país doente que precisava ser medicado (SCHWARCZ, 1993, p. 294). Nos apoiaremos assim nas contribuições do filósofo Michel Foucault para pensar como a gestão da população apresenta-se como um problema político e econômico a partir do final do século XVIII e como a *biopolítica* irá estruturar-se para solucionar tal problemática. Além disso, algumas noções da análise do discurso também na vertente foucaultiana nos serão igualmente importantes, refletir quais os tipos de sujeitos tais propagandas visam construir para alcançar os objetivos de uma sociedade saudável e higiênica.

O que nos interessa neste estudo é problematizar qual o lugar que este periódico, assim como o lugar de suas propagandas, ocupava enquanto uma prática educativa em saúde, visto que o almanaque não é composto apenas de propagandas, mas com dicas de prevenção para diagnosticar doenças, modos de automedicação, instruções de cuidado com a higiene e com a beleza, assim como outras formas de levar para a massa da população um dos primeiros – ou talvez o único – contato com a saúde e com as aspirações de uma nação eugênica e higiênica, tão característica deste período histórico, além disso nos interessa discorrer sobre o lugar ocupado pela família enquanto instituição que garantia a saúde dos indivíduos da nação.

Almanaques de Farmácia: entre o fazer viver e deixar morrer

A princípio, podemos não entender as motivações que levam um periódico que trata única e exclusivamente dos cuidados com a saúde a publicar formas de suicídios com descrições precisas e ilustradas. Inicialmente, nos parece uma enorme contradição que não se veicula de forma alguma com as propostas do periódico. Entretanto, se pensarmos as formas como o poder atuou e se exerceu dentro das sociedades ocidentais a partir do final de século XVIII e início do século XIX, a compreensão fica mais precisa.

No primeiro volume da *História da sexualidade* (2015) e no curso ministrado pelo Collège de France, intitulado *Em defesa da sociedade* (2010), Michel Foucault traçou a genealogia de um poder desenvolvido nas sociedades ocidentais entre o final do século XVIII e XIX. Este poder possui o sujeito como o seu principal foco pensando-o não como indivíduo a ser disciplinado, mas os seres humanos enquanto corpo-espécie atravessados por múltiplos processos que compõe a vida, buscando regulamentá-la. A esse processo Foucault chama *Biopoder*, e a sua manifestação dentro dos mecanismos do Estado, de *biopolítica*. É, sobretudo, em torno da noção de população enquanto problema político e econômico que essa forma de gerir os povos formulará suas principais questões (Cf.: FOUCAULT, 2010, p. 206). São problemas onde o biopoder atua na natalidade, na saúde da população, nas condições de vida, na morbidade, dentre outros.

Sem dúvidas uma das principais mudanças em relação ao biopoder e aquele tipo de poder que o precedeu – o poder soberano – está ligado à noção da problemática da vida. Como aponta Michel Foucault (2010, p. 202), o soberano tinha sobre os seus súditos o poder de fazer viver e deixar morrer, e era em torno da decisão do soberano que os súditos podiam estar vivos ou mortos. Não há a problemática da morte enquanto um fenômeno natural e repentino, mas como algo controlado por um ser, que tem a autoridade de dizer quem deve morrer ou não.

Quando o biopoder emerge, é possível captarmos uma inversão nessa lógica em relação ao poder soberano: agora é o direito de fazer viver e deixar morrer. Ou seja, tomando as problemáticas que envolvem a vida que aqui já foram mencionadas, que o biopoder busca regulamentar as populações. Nesse sentido, a doença emerge como um dos pontos principais que pode ameaçar não só a vida como um todo levando à morte, mas enquanto um processo que degenera e enfraquece. Para esse autor, a doença é um fenômeno da população: “[...] não mais como a morte que se abate brutalmente sobre a vida – é a epidemia – mas como a morte permanente, que se introduz sorrateiramente na vida, a corrói, perpetuamente, a diminui e a enfraquece” (FOUCAULT, 2010, p. 205). Nesse sentido, a medicalização surge como o principal meio de evitar que a doença se abata sobre a vida e a ceife, mas também evita que o restante da população também passe por esse mal, visto que a doença pode se alastrar por toda uma sociedade e comprometê-la por completo.

O biopoder também pode ser caracterizado com o que Foucault coloca como um paradoxo: o direito de deixar morrer. Como um poder que tem como foco principal fazer viver, pode ter a característica do deixar morrer também? Foucault explica esse fenômeno através do racismo, segundo o filósofo o racismo é “o corte biológico entre o que deve viver e o que deve morrer” (FOUCAULT, 2010, p. 214). O racismo consiste na fragmentação dos seres humanos enquanto espécie, na ideia de uma divisão em que alguns são superiores e outros inferiores, mas também consiste na defesa e proteção dos “superiores”, mais aptos, mais saudáveis. É justamente na ideia de defesa da superioridade racial que o deixar morrer pode ser possível dentro do biopoder.

Nesse sentido, quando o *Amanack de Ross com Oráculo* veicula as formas de suicídio com o intuito final de propagandear um medicamento que garante a vida, isso não pode ser visto como um erro sem sentido, mas como algo totalmente dentro da lógica da regulação das populações pelo biopoder, já que viver doente é algo não apenas prejudicial para um indivíduo, mas para toda a população, logo, para toda a raça. Se não se cuida da própria saúde, se não se medica se não se adequa as pretensões médicas de nação saudável, não há sentido viver.

Não é por acaso que no fim do artigo quando vai se tratar da Prisão de Ventre o título usado é “*O grande suicídio*” visto que, não se medicar e não cuidar da saúde são as formas mais eficazes de acabar com a própria vida. A propaganda brinca com a morte, pois ela se torna um dos maiores medos da sociedade ocidental, justamente com a supervalorização da vida e da saúde (FOUCAULT, 2010, p. 2008). Ou seja, não cuidar da saúde representa um suicídio, já que a doença leva a vida aos poucos, não só a do indivíduo, mas também daqueles que o cercam. Um cidadão que não cuida de sua saúde e da de sua família não está apto para viver em sociedade, é melhor que não viva. Vida e morte são continuamente contrastados nos almanaques de farmácia como aponta Vera Casa-Nova (1996, p. 50): “[...] aquilo é bom e feliz está sempre no campo da saúde e da vida, tudo aquilo que faz mal, degenera e enfraquece está no campo da morte”.

Como aponta Michel Foucault (1982, p. 194) que sob a noção de nosopolítica – a doença como um problema que todos na sociedade devem procurar sanar – que se procurou resolver o problema da doença e como esta afeta todo o corpo social de uma nação. Esta procura de uma população livre da doença, não liga-se apenas à procura por uma nação saudável, mas também insere-se na problemática de tornar os indivíduos mais rentáveis e economicamente úteis, só uma nação composta de indivíduos fortes e saudáveis prosperaria. Assim, a preocupação com a saúde mostra-se como uma forma de gerir e sujeitar as massas desajustadas que compunham o corpo social. O operário da fábrica, as crianças na escola, a mães através do contato com os médicos, são todos de alguma forma atravessados pelo biopoder.

Desta forma, o almanaque ao tratar as formas de suicídio visa promover a saúde e isso não apresenta-se como uma contradição, visto que é próprio do exercício do biopoder

este paradoxo entre o fazer viver e deixar morrer, a morte é algo que deve ser evitado, mas se não há a devida atenção com a saúde a ponto de prejudicar o restante do corpo social então é melhor que não se viva. Neste sentido, toda a população é convocada para tomar a saúde como uma das suas obrigações principais, para isso a normalização da família nuclear enquanto instituição que garantirá a saúde da sua prole e, conseqüentemente o a saúde da população de uma nação, aparece como fundamental e é exatamente o tipo de família valorizado e tido como o único moralmente aceito e ensinado pelo periódico, como veremos a seguir.

“Muito útil para todas as famílias”: práticas educativas em saúde no *Almanach de Ross com Oráculo*.

Nossas reflexões iniciais ainda giram em torno da propaganda de 1934 que trata sobre as formas de suicídios modernos. Porém, um novo aspecto nos chama atenção: entre uma das formas apresentadas como maneiras de matar-se aparece uma bastante intrigante: o casamento. Sim! O casamento aparece como uma das maneiras de suicídio, agrupado na categoria “suicídio lento”. O que nos chama atenção não é o fato do casamento aparecer como forma de suicidar-se na propaganda (isto é claramente uma forma de tornar a propaganda mais divertida e atrativa), mas sim o fato dessa maneira em específico ter sido alvo de censura:

CASAMENTOS – Lançar mão do casamento como meio seguro de suicídio lento.....é sem dúvida a mais prática.....porque si o beijo é dôce tem veneno subtil.....o sorriso della pelo esmagamento da sogra mand..... um filho por anno sem que haja meios de.....nem mulher nem dote o dinhei.....felicidade, o desespero.....levando ao suicídio.....(cortado pela censura)
(*Almanack de Ross com Oráculo*, 1934, p. 26).

No documento acima, vemos a reprodução da página do *Almanach* onde a parte que se refere ao casamento como uma forma de suicídio lento aparece sendo censurada, diante de tal ato alguns questionamentos nos vêm à mente: porque é a parte que se refere

ao casamento que é censurada e não outras que deixam expostas como as pessoas poderiam de fato tirar sua vida? Sem dúvida, muitas questões foram caras às preocupações médicas e higienistas entre o fim do século XIX e início do século XX, mas uma que tomou bastante a atenção destes profissionais foi o cuidado para que as pessoas não apenas se casassem, mas preservassem sua união, visto que o casamento monogâmico e a família nuclear foram elevados a categoria de instituição saudável e moral onde os melhores sujeitos para a nação seriam gestados e bem cuidados (COSTA, 2004, p. 222).

Diante do grande número de óbitos de recém-nascidos e de crianças nos primeiros anos de idade que assolava o país, causados por doenças que poderiam ter sido tratadas ou até mesmo evitadas, que os médicos intervêm inicialmente na família pensando-a como instituição capaz de cuidar da saúde das crianças e assegurar o futuro da nação composto por indivíduos saudáveis como aponta Jurandir Costa (2004, p. 219): “[...] o cuidado com a prole converteu-se, por esta via, no grande paradigma da união conjugal”. Além disso, uma série de critérios para que os matrimônios fossem considerados saudáveis e higiênicos foram estabelecidos. A saber: a proibição de casamentos consanguíneos, alguns critérios em relação a idade dos conjugues, para que não houvesse uma grande disparidade. Tudo isso, para que os filhos dos casais não nascessem com nenhum problema físico ou mental. Era em nome da proteção da prole que a medicina adentrou o âmbito privado da família e buscou normalizá-la, assim como normalizar todos os seus membros.

Para que fosse possível tal elevação moral do casamento pelos médicos e higienistas, foi preciso tornar os sujeitos que compõe a união conjugal também sujeitos morais atribuindo-lhes lugares determinados a partir de condutas e comportamentos tidos como a norma para um casamento dentro dos moldes não apenas eugênicos, mas também biopolíticos. Sendo assim, embora o almanaque tivesse o interesse em fazer graça com o casamento, a hipótese que nos aparece como mais possível é que o Estado que no momento tinha a defesa da família por meio da instituição do casamento como o meio mais saudável moral e fisicamente para a geração dos indivíduos, censurou tal parte da propaganda por considerá-la contrária aos seus interesses.

Ao levantarmos tal hipótese não queremos apontar o Estado como detentor de um poder centralizador que determina o que é veiculado ou não no almanaque, mas que o periódico ao questionar uma instituição tão poderosa como o casamento naquele momento, foge das regras do que pode ser dito, como aponta Michel Foucault (2014, p. 34) “[...] não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma ‘polícia’ discursiva que devemos reativar em cada um desses discursos”. Ao fugir destas regras, o periódico saiu daquilo que naquele momento era aceitável de ser dito sobre o casamento e, portanto, foi alvo de censura ou da “polícia discursiva” apontada por Foucault.

Entretanto, esta é a única propaganda censurada que nos deparamos até o momento do periódico, compreendemos que o restante destas propagandas estão dentro daquilo que poderia ser dito no momento, sobretudo com os cuidados relacionados a saúde da família no geral, é este aspecto que iremos nos aprofundar agora, mostrando como o periódico e seus anúncios mostram-se como verdadeiros guias para os cuidados com a saúde de toda a família, mas não só isso, é nessas dicas de saúde que encontramos os lugares reservados para cada membro que compõe a família nuclear monogâmica, compreendendo que o periódico visa não só levar conhecimento sobre saúde e medicamentos para a população, mas educá-los naquilo que a sociedade esperava que as famílias e seus membros fossem. Logo, não apenas cuidados com a saúde, mas as construção de indivíduos preocupados em cuidar de sua própria saúde adequando-se a um ideal de norma imposto pelo periódico é possível observar tal aspecto na seção do almanaque intitulada *Guia do Dr Ross para a saúde*, no ano de 1929:

Medidas que podem tomar as mães, ou chefes de família, antes de chamar um medico ou em caso de não poderem obter assistencia medica. Modo de combater as indisposições communs e doenças que, apesar de serem consideradas de pouco cuidado, podem adquirir um caráter de gravidade se não são attendidas a tempo. A recommendações uteis conditas n’esta secção do nosso livro devem ser lidas com cuidado, e o livro conservado em lugar conveniente para ser consultado em casos de emergencia, sem perda de tempo (ALMANACH DE ROSS COM ORÁCULO, 1929, p. 11).

Nessa passagem destinada a ajudar as famílias a diagnosticarem e tratarem doenças sem necessariamente recorrer a um médico, é possível percebermos como o periódico

toma este lugar de guia para saúde sem que seja necessário retirar-se do conforto de sua casa para tal, mas a passagem destaca também a dificuldade que boa parte da população poderia ter em conseguir atendimento médico especializado. Diante de tal impedimento, as famílias poderiam ter algum tipo de aconselhamento relacionado a saúde no periódico, que poderiam recorrer frequentemente, desde que conservassem de maneira adequada o almanaque.

O trecho começa apelando para aqueles que poderiam tomar as medidas indispensáveis para o mantimento da saúde do núcleo familiar. Inicialmente são evocadas as mulheres por causa de sua maternidade, estas que desde a diferenciação entre os sexos proposta pela ginecologia do final do século XVIII e início do XIX foi colocada como inferior ao homem e, portanto possuidora de um único dever para com a sociedade: a maternidade (LAQUEUR, 2001, p. 253). No Brasil como aponta a historiadora Margareth Rago (2014), o ideal de mãe cívica foi difundido por uma série de discursos fossem eles, médicos, jurídicos, eclesiásticos, industriais, entre outros, convergiam todos para a exaltação da mulher enquanto mãe e da maternidade enquanto principal proeza da vida desta. Seria a mulher a principal aliada dos médicos contra os males que poderiam afetar sua prole (COSTA, 2004, p. 265).

O segundo personagem o qual a passagem faz menção é a figura do homem enquanto chefe de família que deve zelar e fiscalizar para que a saúde de todos os membros esteja intacta e em dia. Seu lugar na família está ligado não apenas a geração de indivíduos saudáveis (os cuidados com esses indivíduos ficaria a cargo da mãe como já elencamos), mas também o mantimento financeiro da família enquanto trabalhador (COSTA, 2004, p. 240).

O que se segue no restante da seção destacada é, de fato, uma lista de doenças com os seus sintomas e os seus modos de tratamentos, nas formas de tratamento estão os medicamentos do laboratório *The Sydney Ross Company*. Para cada doença elencada é apresentado ao leitor um tipo de medicamento produzido por este laboratório, como por exemplo, para anemia ou pobreza do sangue duas pastilhas do fortificante *Vigoron* podem solucionar o transtorno, mas se o problema for cólica, as *Pílulas de vida do Dr Ross*

aparecem como a medida mais eficaz de tratamento, já se o male for a *Bronchite* as pastilhas *Kitatos* são a melhor recomendação.

Não só as manifestações das doenças são elencadas, mas as formas de cessá-las sem necessariamente ter nenhum contato com um médico, além disso as doenças destacadas não correspondem a um sexo específico, pois visa o tratamento de toda a família, mas sobretudo a presença ausente na qual a propaganda gira em torno: as crianças. Apela-se aas mães e ao chefes de família e seus lugares sociais determinados não só para cuidarem de sua própria saúde, mas, sobretudo, a de sua prole. Se as crianças até o século XVIII eram tidas como sem importância para a medicina, no século XIX ela ganha uma significação importantíssima impulsionando, inclusive, a construção da família nuclear enquanto ambiente higienicamente propício para o crescimento de crianças saudáveis e futuros cidadãos da nação, significação esta que persiste durante o início do século XX (RAGO, 2014, p. 156; COSTA, 2004, p. 170). Como podemos observar na propaganda a seguir:

Imagem 1 – Propaganda da Pílula da Vida do Dr. Ross



Fonte: (*Almanack de Ross com Oráculo*, 1929, p. 15).

Na propaganda do final da década de 1920 é possível observar duas crianças (um menino e uma menina) com traços claramente caucasianos, com uma aparência bem cuidada visto os cabelos tão bem penteados e alinhados e as roupas que, embora não apareçam completamente, percebe-se que não são desarrumadas. Ao leitor só é revelado a parte dos ombros até a cabeça das duas figuras que ilustram o anúncio. Enquanto a menina ostenta um belo colar de pérolas e madeixas lisas e curtas sinônimo de modernidade para o período. O menino que usa uma gravata borboleta possui os cabelos, também lisos, penteados para o lado. Com um olhar fixo e penetrante ambos encaram o leitor enquanto estampam, cada um, um belo sorriso que embora seja bastante evidente, mostra-se também ponderado para crianças, deixando perceber que embora sorrissem, elas o fazem com moderação, não deixando a boca muito aberta, nem mostrando demasiadamente a arcada dentária. Um sorriso sem algazarra. Crianças não só bem tratadas, mas bem reguladas e aparentemente saudáveis.

Ao lado das crianças o enunciado: “Crianças sempre saudáveis a alegria e tranquilidade do lar consegue-se tendo sempre á mão as [...]”, e, completa o sentido da propaganda, com a indicação das “[...] Pílulas da vida do Dr Ross. O laxante ideal pelos seus resultados positivos”. Divulgava assim, a promessa de oferta de alegria, saúde, beleza e a tranquilidade desejadas para o lar.

Logo de imediato nos vem um questionamento: Por que tanto a saúde e tranquilidade do lar dependem tanto da saúde das crianças? Como aponta Margareth Rago (2014, p. 156), a concepção de criança alterou-se bastante na passagem do século XVIII para o século XIX persistindo tais alterações ainda no início do século XX, a criança que antes era concebida como uma simples fase da vida humana sem ser alvo de muita atenção, passa a ser, a partir de um novo olhar médico sobre a saúde da nação como a fase mais importante onde a saúde deveria ser preservada e cultivada e os costumes

higiênicos e morais deveriam ser inculcados, a criança emerge, neste sentido como um ser crucial na busca de uma nação saudável:

De uma posição secundária e indiferenciada em relação ao mundo dos adultos, a criança foi paulatinamente separada e elevada à condição de figura central no interior da família, demandando um espaço próprio e atenção especial: tratamento e alimentação específicos, vestuário, brinquedos e horários especiais, cuidados fundamentados nos novos saberes racionais da pediatria, da puericultura, da pedagogia e da psicologia (RAGO, 2014, p. 156).

Como apontado pela autora, a criança ganhava um novo sentido dentro dos novos saberes que emergiram, sobretudo, no século XIX. Passava a ser o centro das atenções e a ter todos os olhares voltados para si, tal redefinição da figura da criança não só motivou os cuidados com a saúde infantil, mas também a já mencionada redefinição do próprio conceito de família e de união conjugal para que tudo convergisse na criação de um ambiente saudável e higiênico onde tais crianças pudessem crescer fortes e saudáveis e ocuparem seus lugares como membros de uma nação (COSTA, 2004, 171).

Considerações finais

Assim, é possível perceber que é através da noção de família nuclear enquanto elemento constituído por meio de uma intervenção médica que visa não apenas moralizar seus membros, mas também torná-los saudáveis e aptos para ocuparem seus lugares sociais na nação, que o almanaque busca vender os seus medicamentos, mas também dar conselhos médicos visando que a saúde chegasse de alguma forma dentro do maior número possível de famílias brasileiras.

O *Almanach* apresentava-se como uma estratégia biopolítica de gerir as populações no seu habitat mais íntimo e reservado: o lar. Ao ser distribuído pelas farmácias de forma gratuita torna-se um meio fácil do saber normalizado médico e farmacêutico atingir as famílias levando-as a tão preciosa e tão desejada saúde. Neste sentido, outras reflexões também realizadas por Michel Foucault (2010) nos suscitam algumas inquietações em torno destes periódicos. No texto “Em defesa da sociedade” Foucault nos aponta algumas dicas metodológicas para a prática genealógica a que consideramos fundamental ser

elencada neste momento é aquilo que ele chamou de “táticas locais de dominação”, segundo o autor, perceber tais táticas consiste em pensar não apenas a sujeição da nível global (isso também deve ser pensado), mas levar em consideração como o poder modifica seu exercício de acordo com a varias localidades na qual ele aparece.

Neste sentido, percebemos o almanaque como uma destas táticas locais de dominação próprias do Brasil. Em um país de tamanha extensão e desigualdade social, fatores marcantes no início do século XX, mas até hoje possíveis de serem identificados, um periódico que veicula não apenas propagandas de medicamentos, mas dicas de saúde e de comportamento, apresenta-se como um meio eficaz para normalizar uma população tão extensa e esparsa como a sociedade do país naquele momento. Embora o laboratório tivesse a preocupação mercadológica ligada às vendas e ao lucro, não podemos deixar de levar em consideração que o saber farmacêutico foi igualmente normalizado para atender a interesses específicos de melhoria da saúde da população, assim como o saber médico (MACHADO, 1978, p. 200).

Por fim, mergulhar nos almanaques de farmácia em circulação no Brasil nas primeiras décadas do século XX é voltar os olhos para um momento histórico em que a busca pela saúde seria um dos anseios principais para o país constituir-se enquanto uma nação grandiosa em crescimento econômico, moral e cultural, era, sem dúvida, a linha de frente pela qual vários intelectuais de variados saberes se uniam em torno de um objetivo comum, tornar a população saudável e desenvolvida. Logo, tais periódicos emergem como significativos enquanto incentivadores de práticas educativas na saúde, incentivando não só que as famílias tenham um contato com o saber médico, mas também que transmitam isso para sua prole desde o início da vida.

Referências:

BUENO, Eduardo. *Vendendo saúde: história da propaganda de medicamentos no Brasil*. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/propaganda/vendendo_saude.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.

CASA NOVA, Vera. *Lições de almanaque: um estudo semiótico*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. *A ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 2014.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LAQUEUR, Thomas Walter. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MACHADO, Roberto *et al.* *Danação da norma: Medicina Social e Constituição da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1970- 1930*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

A EDUCAÇÃO DO CORPO MODERNO: SUBJETIVIDADE E PRÁTICAS DA HIGIENE CORPORAL FEMININA ENTRE OS ANOS 1940-1950

Débora Deyse Laurindo Nóbrega

UEPB, Campus I

dbdeyse@gmail.com

RESUMO

A História Cultural tem o intuito de apresentar uma história, não somente feita pelos grandes heróis, mas também por homens e mulheres comuns inseridos no cotidiano. O conceito que transformou a história das mulheres no ocidente foi o conceito de gênero. Inicialmente foi atribuído aos sexos como condição fixa inserido no campo biológico, no